

Mãos na massa, buscando raízes e alvoradas¹

Isabel Noemi Campos Reis²

Resumo

O texto problematiza a formação humana e políticas que lhe dão suporte. Interconecta narrativas de diferentes grupos sociais de idosos – que, ou estão alojados em uma instituição pública de recolhimento, ou são moradores de rua, ou, ainda, participam de ações pedagógicas comunitárias – com grupos que constituem instituições formais de educação pública. Os dados coletados se cruzam com a teoria em uma ampla relação entre pensadores da educação e da política. Tem como foco o compartilhamento de confluências e dispersões com que os mecanismos de exclusão e/ ou inclusão destituem e/ou restituem a capacidade de avaliação, de escolha e de autonomia desses grupos e sujeitos.

Palavras- chave: educação; idoso; memória; inclusão/exclusão.

Summary

The text brings out problems of human development and politics that give it support. It inter-connects accounts of different social groups of old people – who are either housed in a public care institution, or are street dwellers, or yet who take part in community action in public education – with groups made up of formal institutions of public education. Collected data is confronted with theory in a far reaching relationship between experts in education and politics. The focus is sharing agreements as well as oppositions with regard to how exclusion and/or inclusion eliminate and/or enhance the capacity of evaluation, choice and autonomous being of such groups and individuals.

Key words: education; old; remembrances; inclusion/exclusion.

¹ O artigo **Mãos na massa, buscando raízes e alvoradas** foi escrito a partir da dissertação de mestrado “Pontes a ser-viço das margens”, escrita entre 2003 e 2006 por Isabel Noemi Campos Reis, pesquisadora da Universidade Federal Fluminense, sob a orientação da professora Célia Linhares.

² *Mestre em Educação pela* Universidade Federal Fluminense. Pesquisadora integrante do Grupo Aleph – Programa de Pesquisa, Aprendizagem/Ensino e Extensão em Formação dos Profissionais da Educação.

Mãos na massa, buscando raízes e alvoradas

Isabel Noemi Campos Reis

Os que não couberam na escola querem entrar: relações de poder no fechamento e abertura de portas sociais

Penso nas diversas configurações que constituem a vida social no Brasil, onde há portas que se fecham e portas que se abrem. E nesse fechar e abrir, são produzidas grandes desigualdades que estão nos acompanhando há cinco séculos, dando poucos sinais de serem amenizadas.

As últimas estatísticas resultantes do PNAAd (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) mostram uma queda significativa na desigualdade socioeconômica do país.

Lembro-me dos tantos pesquisadores que vão analisando essas desigualdades do ponto de vista quantitativo, na busca de respostas resultantes da reflexão sobre algumas afirmações. Agradeço a esses estudos, dos quais também me alimento; mas como problematização das questões aqui apresentadas, considerando também análises qualitativas, parto de algumas perguntas que têm instigado meu fazer reflexivo, como educadora e como artista que sou.

Através da investigação pela problematização de realidades plurais, proponho um olhar complexo que possa abarcar algumas instituições que, apesar de serem aparentemente diferentes entre si, têm significativas confluências sociais e políticas. Distâncias e aproximações que não se limitam a fronteiras, a pontes físicas e geográficas.

Para perceber algumas das portas que se abrem e refletir sobre suas complexidades, escolhi como metodologia trazer a narração de experiências capazes de aproximar a instituição pública de ensino a outras instituições que, por serem também responsáveis pela formação do humano, não podem abrir mão dos sonhos passados que alimentam os devires.

Neste sentido, parece relevante destacar que um dos aspectos que caracteriza o humano é o fato de que, muito embora um indivíduo tenha 80 anos ou esteja até mesmo à beira da morte, é ainda um aprendiz. E nessa condição, faz-se vida pulsante.

Compreendendo-me como pesquisadora aprendiz, indago:

Como se abrem e se fecham portas nas escolas?

Quais as portas que se abrem e as que se fecham na Fundação Leão XIII – instituição que abriga *miseráveis* marginalizados?

Existem portas que abrem e fecham oportunidades para aqueles que estão morando nas ruas e em abrigos públicos? Como reconhecê-las na sua multiplicidade?

Sabedora da existência dos grandes problemas que estão dentro das escolas, mas que não se constituem como exclusividade delas, ocorreram-me ações que podem ajudar a tensionar essas organizações em suas práticas e realidades complexas, acreditando que ao distanciarmos o olhar através de estranhamentos causados por outros espaços – que também são nossos – será possível voltar aos nossos espaços com um olhar mais desacostumado e, portanto, mais atento, mais perspicaz, menos naturalizado e mais sensível.

Por essa razão, acredito serem necessárias ações múltiplas que focalizem e articulem a política educacional com as políticas sociais e econômicas: uma intersectorialidade que promova conexões, ligamentos em problematizações produzidas por uma sincronia de esferas que urgem serem transformadas.

As mídias expressam com euforia a queda do risco país e apresentam os demais indicadores econômicos como favoráveis ao crescimento econômico e social. Pergunto-me sobre a lógica que une e que equilibra essas análises se, diante de tantos panoramas otimistas a desigualdade se corporifica em formas cada vez mais complexas e ambíguas. Que mecanismo é esse capaz de criar equilíbrios assimétricos?

O que há com as desigualdades no Brasil? Por que crescemos, enquanto economia, para todos os lados e as desigualdades sociais crescem conosco?

Precisamos de instrumentos que operem sobre essas dimensões políticas,

sociais, educacionais. Será premente fazer suscitar movimentos que viabilizem a equibração do acesso a portas sociais. Portas políticas.

Qual o lugar da escola na perspectiva de ações que favoreçam transformações sociais, no ensejo de um presente e de futuros mais justos e democráticos? Em que aspecto essa instituição pública – a escola – tem mostrado resistência à recriação democrática (sua e da sociedade)?

Existem portas controladoras, mas também existem portas libertadoras nesses mesmos espaços e organizações. E esses movimentos me levam a perguntar: como as experiências podem nos aproximar das complexidades dessas portas sociais?

Há muitos veios. Entretanto, estou precisamente no eixo em que a educação se articula com a arte.

Será necessário entrar em sintonia com algumas dimensões que nos levem a perceber a presença de mecanismos aprisionadores e libertadores na instituição escolar, para que possamos vislumbrar tempos melhores no que há de mais ético, amoroso e criador. Por isso mesmo, indago sobre a importância das instituições escolares diante das desigualdades existentes no mundo, mais particularmente no Brasil.

Do ponto de vista metodológico, a investigação foi construída considerando o caminho da escuta daqueles que sobraram, dos que não couberam na escola. Na aproximação a esses sujeitos – em suas diferentes instituições – procurei perceber algumas dimensões que me levassem a entender mecanismos opressivos para torná-los públicos, abrindo possibilidades da criação de outras políticas.

Propus-me, portanto, pelo confronto de narrativas, a analisar o encontro do discurso marginal dos rejeitados com o discurso do professorado atuante na rede pública do ensino fundamental.

Partindo de um desconforto, de um mal-estar em relação à escola, que tem como objetivo contribuir para a formação de sentidos para a vida – mas que, com frequência expropria a presença da experiência no seu cotidiano – destaco a importância de refletirmos sobre práticas e relações que, tantas vezes, se

escondem nas dificuldades de transformar, de tocar e de ser tocado. Todavia, ao mesmo tempo, essas mesmas instituições responsáveis pela formação de crianças, de jovens e de adultos se fazem também imersas em contextos de vitalidade que, entre tensões, revelam a existência de movimentos que buscam reconfigurar a escola e a sociedade.

Como fazer pesquisa com grupos sociais, sempre tão plurais, se as condutas são heterogêneas e os conflitos nem sempre são visíveis?

Falar na metodologia implica um retorno à problemática que se faz como um desafio na pesquisa. Procuo construir interligações com dimensões pouco perceptíveis de algumas instituições sociais, tornando mais discutíveis diferentes ordens de fechamentos e interdições, bem como de fissuras e ambivalências que as constituem, para ressaltar confluências da formação humana que pede, mais do que fragmentações individualistas, um *entre nós* que alimente nossa capacidade de diferir coletiva e individualmente, e buscar interconexões como intervenções formativas.

Portanto, escolhi uma metodologia aberta porque se metamorfoseia, atenta à importância de refletir a produção dos sentidos, em cada gesto possível de ser reelaborado, re-significado ou afirmado, por meio de encontros e relações polifônicas.

Metodologia que convida a nos *entranharmos* e a *estranharmos* os nossos próprios movimentos. Para que isso se faça possível, destaco a importância de nos distanciarmos de nossa emotividade crua, ainda que – na condição de extremamente ligada a ela – me faça ligada ao outro. Mas, através desse distanciamento, emerge a possibilidade de nos contemplarmos a nós mesmos e também ao entorno, na perspectiva da contemplação como uma ação que reflete, que afeta e que possibilita afetar-se.

Neste sentido, como instrumentos metodológicos e pedagógicos, foram organizados encontros com entrevistas, *contação* de histórias, *bate papos* informais e dinâmicas que utilizaram múltiplas linguagens como formas de promover interações com os sujeitos interlocutores, na tentativa de estimular a expressão *do fluxo de rios*

*contidos, onde se coagulam memórias, narrações e vozes de vários tons e matizes.*³

Na busca de espaços de interlocução entre as realidades plurais com as quais interajo, propus-me a interagir com os sujeitos e os espaços institucionais, amparada em aspectos que consideram a importância da memória como possibilidade de historicizar a história oficial, recontada à medida em que tencionamos verdades e acrescentamos a essa história, narrativas de experiências na maioria das vezes não consideradas como valorosas. Assim, consideramos a inclusão na perspectiva da escuta e do pronunciamento de todos e de todas, bem como o respeito pelos pontos de vista, experiências, lógicas e demandas plurais, de maneira que os sujeitos sociais pudessem experimentar seus papéis. Convites para que esse outro se fizesse presente com sua voz, ótica, linguagem e acervos próprios.

Nesta perspectiva, o exercício de problematizar cotidianos, tencionando questões, ações e acontecimentos me permitiu ressignificar e, a partir das diferentes experiências cotidianas, foi possível ficar atenta à importância de se re-configurar metodologias, pedagogias, ideias e procedimentos.

A investigação também levou em conta as múltiplas linguagens, como possibilidade de lançar perguntas a nós, ao outro e ao nosso cotidiano, em convite para que as reflexões pudessem ser feitas através de instâncias que instigassem o sujeito a vivenciar experiências inteligíveis, através das suas múltiplas potencialidades sensoriais, re-ordenando-se e expressando-se em dimensões capazes de expandir o pensar para além da racionalidade, sem negar, no entanto, o seu valor.

Estava também em relevo a importância da estética, como dimensão ética que confere materialidade à sensibilidade ordenadora e significadora do ser humano, em respeito às formas plurais pelas quais é experienciada a capacidade humana de criar formas expressivas. E criar implica a possibilidade de correr riscos, o que torna imprescindível a compreensão da categoria do risco como uma intenção primordial: arriscar-se, sempre como um exercício ético frente às implicações do viver.

³ Expressão recorrente, usada pela pesquisadora Célia Linhares em seus Seminários.

Neste sentido, a experiência investigativa esteve atenta à importância da incompletude que nos leva a nos ampliar e a nos refazer com o outro, em convites de aprendizados, de cuidados e de atenções para *con-fiarmos* na importância dos processos – como construções e devires – e nas pessoas, como relações afetuais imprescindíveis.

As tensões, que fizeram parte deste estudo, me marcaram. Foram considerados os limites como áreas indicativas de urgências e de demandas, pois sem eles, talvez se fizesse mais difícil percebê-las, por estarem – as demandas e urgências – , muitas das vezes, invisíveis diante das tantas acomodações cotidianas. Esses mesmos limites são fonte inesgotável para a criação de outros modos e de outras perspectivas. Por fim, consideramos fundamental dar grifo ao cuidado com o registro das declarações feitas em entrevistas e encontros pedagógicos, no sentido de transcrevê-los com delicada atenção à linguagem, às pausas, às lógicas de cada interlocutor.

Junto a Walter Benjamim, Célia Linhares, Paulo Freire, Bauman, Larrosa, Ecléa Bosi, Guinsburg, Fayga Ostrower, caminhei buscando estar atenta a conceitos que pudessem dar apoio à realização de pedagogias dialógicas, problematizadoras, éticas, includentes, críticas, criadoras, transformadoras.

Alguns sinais dos sujeitos que emergem

Enquanto educadora-pesquisadora realizei um trabalho em instituições estaduais que exilam e confinam pessoas adultas ou idosas retiradas das ruas; pessoas que tiveram seus barracos desabados; pessoas com problemas com alcoolismo; pessoas que sofreram acidentes no trânsito... e foram removidas de hospitais públicos para essas instituições, lá permanecendo por dois, cinco, 10, 25, 40, 50 anos.

Através de histórias, canções, poesias, imagens diversas, brincadeiras, fui me aproximando desses sujeitos – senhores e senhoras – na intenção de favorecer a reconstrução de espaços de afetividade, ao valorizar suas histórias. Voltei-me a eles no sentido de que suas crenças, saberes, valores pudessem ser escutados em diálogo.

Muitas dessas pessoas vivem, dormem, comem juntas... e estavam em

absoluto silêncio pelos cantos da Fundação Leão XIII... fitando e desbotando paredes manchadas de tempo, em solidão. São mutiladas de diversas maneiras: muitas delas não têm pernas, braços, são bastante doentes... e raros os que chegam perto delas em escuta ou carinho. Vivem juntas e – muitas das vezes – sem convívio, diálogo ou construções integradas. O emergir desses sujeitos me levou a pensar na gestão desses espaços sociais e reiterar a indagação de Ecléa Bosi: “Por que decaiu a arte de contar histórias?” Em sintonia com Benjamin, a autora afirma: “Talvez porque tenha decaído a arte de trocar experiências” (BOSI, 1994, p.28).

Neste sentido, foi fundamental, como educadora, ter um repertório plural que possibilitasse que o diálogo se fizesse significativo, resignificando o ontem no tempo presente e construindo, assim, um hoje e um amanhã mais humanos.

Percebia que para muitos desses sujeitos existia o desejo de retomar uma vida perdida há anos. Benjamin alerta para o perigo de permanecermos prisioneiros do passado e nos leva a refletir quando nos lembra sobre a importância de:

Fazer emergir as esperanças não realizadas desse passado, [para que possamos] inscrever em nosso presente seu apelo por um futuro diferente [e assim, construirmos] ligações entre um passado submerso, o presente [e o futuro. Isto não significa simplesmente] impedir que a história dos vencidos se passe no silêncio... é necessário, ainda, atender a suas reivindicações, preencher uma esperança que não pôde cumprir-se. O passado comporta elementos inacabados e, além disso, [estes elementos] aguardam uma vida posterior, e que somos nós os encarregados de fazê-los reviver (GAGNEBIN, 1993, p.58).

Os sujeitos do estudo foram pessoas que moravam (e alguns ainda moram) isoladas em instituições e se constituem, para mim, em uma espécie de caixas de surpresa: quando em interação com elas através da afetividade, respeito, reflexão e valorização de seus saberes, percebia que muitas vezes voltavam a sonhar, a ter brilho nos olhos ainda esperançosos.

Um dia⁴ observei um senhor, morador da Fundação Leão XIII, que ficava juntando folhas com um galho de árvore. Todas as manhãs ele acordava cedo e trabalhava, recolhendo folhas e gravetos, até o horário do almoço. Sempre usava o mesmo galho para o trabalho. Foram muitos os montinhos de folhas e gravetos que encontrei no chão, em frente à casa onde me reunia com os assistentes sociais da instituição.

Aproximei-me dele, certa manhã, enquanto juntava os montes e tivemos uma conversa. Depois soube que o senhor Peixoto se mantinha bastante discreto. Os assistentes sociais já haviam tentado aproximação, mas ele quase não falava.



(Sinais de Sr. Peixoto)

Trago aqui sabedorias que este senhor de 80 anos⁵ trocou comigo, em conversas de voz terna e doce, quase um sussurro. Fala suave, delicada, potente em vida e firmeza. Essa conversa aconteceu graças às histórias – puras magias que desmudemem pessoas.

Contou-me o Senhor Peixoto:

Já trabalhei muito com as mãos na terra e as mãos na massa e hoje continuo com as mãos na terra e as mãos na massa... [fazia menção aos montinhos de folhas e gravetos que costuma catar]. Diz o ditado que o prazer no trabalho aperfeiçoa a obra.

⁴ Ano de 2004.

⁵ Em 2004 o senhor Edgard Silva Peixoto tinha 80 anos. Ele nasceu em 03 de fevereiro de 1924.

Conversamos um pouco... O gesto do Sr. Peixoto me lembrou a infância, quando via as senhoras, no interior da Bahia, varrendo o quintal com vassouras feitas de galhos e folhas. Varrer o quintal significava, na minha infância, juntar as folhas e gravetos que, em seguida, viravam brinquedos para nós, crianças.

Essa lembrança me fez recordar a história de um homem que varria um pátio e cantava. Um dia, esse homem descobriu que as letras de suas canções tocavam profundamente o coração de muita gente. Canções que fortaleciam pessoas, sendo compostas enquanto ele varria, pensando e elaborando seus conflitos.

Conversamos, o sr. Peixoto e eu, sobre essa história, sobre a vida... E ele disse:

O Livro tem um sentido muito profundo para mim. Em 28 de janeiro de 1983 passei pela triagem⁶ e passei por um abuso. Me tiraram o Livro. 1º Livro que eu tive... comprei por acaso. Um sábio disse que o acaso favorece apenas as pessoas de mente bem preparadas. O 1º Livro. Foi em 29 de maio de 1969, em letras douradas e um outro nome especial em carimbo.

A partir da reflexão proposta pelo sr. Peixoto pergunto-me: como a escola pode ser fiel aos livros imaginários, escritos com *letras douradas*, por alimentarem sonhos de liberdade? O que significavam '*mentes bem preparadas*', na percepção do senhor Peixoto? Serão mentes que dialogam com surpresas e com imprevisibilidades?

Essas indagações me levaram a registrar a definição sobre teoria e prática feita por sr. Antônio – outro senhor morador da Leão XIII – então, com 63 anos. Quando indaguei-lhe sobre os ensinamentos que a rua lhe proporcionou nos 20 anos vividos entre calçadas, catando papelão para sobreviver com a sua venda, o sr. Antônio prontamente me respondeu:

Não aprendi nada na rua. Se tivesse um dia de coisa boa, tinha 20 de coisa ruim. Eu não sei tudo. Ainda tem coisas que vou aprender. Você se formou estudando [se refere

⁶ Triagem é o local para onde são enviadas as pessoas retiradas da rua. É lá que se decide o que fazer e para onde enviar essas pessoas.

a mim]. A teoria que aprendi em 30 anos de trabalho... Por exemplo: a prática é mais forte... pois você se formou estudando. O outro [refere-se a si próprio] tem a teoria do aprendizado do dia-a-dia na carteira assinada.

O senhor *Antônio* criara uma situação hipotética para explicar-me seu conceito de teoria e de prática e explicitou um diálogo ficcional:

Nós dois trabalhamos em uma farmácia e atendemos às pessoas. Todo dia aqueles mesmos casos. Mas, se vier outro caso diferente daquele que se está acostumado a tratar, só quem tem a prática é que pode atender, pois estudou. Eu só saberia atender aqueles casos que me passaram as informações, pois eu [refere-se a si próprio] só tenho a teoria.

Este senhor me apontava a importância da teoria estar articulada à prática da vida, que para ter significado, precisa ser revestida de experiência, de autonomia. O Sr. *Antônio* não se esqueceu de registrar o esvaziamento dessa mesma teoria quando apenas informativa. Em suas reflexões, me sinalizava a importância da escuta e da observação sensível, para que eu pudesse me aproximar de suas lógicas, óticas e necessidades, fazendo do meu trabalho uma construção rica de aprendizados para mim, para eles e, quem sabe, para a instituição. Alertava-me quanto à possibilidade da teoria se fazer experiência.

Penso, então, em Morin e na teoria da complexidade, quando o autor observa que:

Explicar não basta para compreender. Explicar é utilizar todos os meios objetivos de conhecimento, que são, porém, insuficientes para compreender o ser objetivo. (MORIN, 2000, p. 51).

No exercício de abrir meus poros e sentidos na busca de melhor experienciar contextos, compartilhar gestos, silêncios e interagir com textos múltiplos como os do sr. Peixoto que, entre gravetos e folhas me aproximava de Ginzburg, me via na condição de caçadora de *pormenores negligenciados*, – e nesta condição, fui me

“agrandando”, impregnada que estava de leituras que eram tecidas ao perceber e experienciar óticas plurais.

Então, em diálogo com aqueles senhores e senhoras, me percebia fortalecida na tentativa de compreender seus embates, suas vidas, para estabelecer interações e construções. Debruço-me novamente, em escuta, diante das reflexões do sr. Peixoto:

A comunidade é outra coisa importante na vida porque a comunidade é terapêutica. A terra e a massa hoje tem um sentido diferente para mim. Diz-se que a massa é homogênea. Ela tem sido homogênea, mas precisa ser mais homogênea e falta muito para ela ser homogênea. A união exterior depende da união interior. A afetividade e a efetividade. Juntando as folhas estou sendo efetivo, mas a afetividade é mais difícil. Vêm boas ideias trabalhando, minha mente fica mais ativa com o trabalho, aí gosto do trabalho mental [se refere às reflexões feitas enquanto cata gravetos e folhas como trabalho que faz diariamente]. Antes de vir para aqui, eu vivia em uma comunidade. Tive uma reunião na comunidade, no Centro do Rio e a discussão de uma questão muito importante – desemprego.

Em algum momento de nossa conversa permeada de crônicas, canções, lembranças... eu sorri para ele que, imediatamente, agradecendo o sorriso, e continuou:

De 1974 para cá eu passei a entender a questão de desemprego. O que é o desemprego e o que é o emprego? Naquela reunião com a comunidade não achei graça de nada. Era uma 4ª feira, 9 de janeiro de 74. Naquele ano foi a última vez que eu vi as pessoas da comunidade. Dali para cá a coisa mais difícil que tenho é sorrir. Às vezes eu sorrio, mas um sorriso tênue quando estou sozinho. O Livro que comprei, em 29 de maio de 1969, foi o primeiro Livro que tive. Passei e comprei por acaso. Eu ia andando pela rua e um conhecido meu me vendeu. Eu estava abonado [faz um gesto como quem recebe uma grana incomum].

(...)

Da triagem vim para cá. Tinha começado um serviço aqui... naquela obra. [Aponta para uma construção que em 2004 estava sendo feita para melhorar as condições de alojamento de alguns senhores.] Tinha um grilo cantando e isso me sensibilizou, me lembrou o Livro. Então, sentei e fiz um verso:

“No recanto da Fazenda
Um grilo cantava no chão
Quando eu meditava

Contemplando a solidão
Pois fazia 30 anos
Que eu entrei no meu sertão
Ao comprar por dois cruzeiros
Um Livro de precisão.”

- O senhor tem isso escrito? Perguntei-lhe, me referindo ao verso.

Mentalmente. Não sai da minha lembrança... Eu perdi uma coisa de precisão, mas creio que ganhei uma coisa mais preciosa. A preciosidade é mais valiosa que a coisa preciosa. Comparando a preciosidade com a coisa preciosa que é o Livro – a pessoa é mais importante que o Livro. Tive o Livro por 14 anos, até 1983. O Livro sumiu na triagem. Eu estava muito ligado a ele. Lembrei do trecho de Maria e José [da Bíblia] e não quis ser rigoroso com o Livro. Dia 1^o de janeiro de 1983 ele sumiu. Já faz 21 anos este ano [2004]. O Livro era o testamento. A vida é um diálogo, é um relatório. Muita coisa para falar. A vida é um livro aberto.



Equipamento e galho utilizado para trabalhar.



Equipamento e gravetos.

O sr. Peixoto me levou, então, a um local bem próximo, onde estavam enfileirados uma bolsa de papelão e dois sacos de supermercado cheios de jornais, revistas velhas, livro de “um senhor que vinha sempre aqui, mas este senhor já morreu”, algumas peças de roupa e objetos pessoais:



Aqui está meu mundo de atrações... e como ele é rico. É o meu equipamento. A peça mais importante do equipamento é o suporte, onde eu carrego a coisa mais importante: O Livro. Este Livro que guardo é outro: há alguns anos ganhei este.

Suporte, local onde guarda o Livro

Retirou do *equipamento* uma página pequena e me deu dizendo:

Sabe o que eu achei ali? [apontou para uma árvore perto de onde estávamos]. Em 8 de agosto de 2001, encontrei uma página de livro. Livro do Gênesis. E o mais importante: Era o capítulo 25. Fala de um homem que morreu em ditosa velhice aos 175 anos de idade. Fiquei maravilhado com aquilo. Eu nunca tinha observado esse trecho. Fui observar aqui na Fazenda Velha [Fundação Leão XIII - Campo Grande]. Fui botar mais sentido foi aqui.

A morte de Abraão

7 Foram os dias da vida de Abraão cento e setenta e cinco anos.

8 Expirou Abraão: morreu em ditosa velhice, avançado em anos; e foi reunido ao seu povo.

9 Sepultaram-no Isaque e Ismael, seus filhos, na caverna de Macpela, no campo de Efrom, filho de Zoar, o heteu, fronteiro a Manre,

10 o campo que Abraão comprara^a aos filhos de Hete. Ali foi sepultado Abraão, e Sara, sua mulher.

11 Depois da morte de Abraão Deus abençoou a Isaque, seu filho; Isaque habitava junto a Beer-Laai-Roi.

Gênesis 24 / 25 (Pequeno trecho das páginas 29 e 30, encontradas pelo sr. Peixoto)

Deu-me o papel para que levasse para casa e lesse. Prometi devolver-lhe outro dia. Ele me agradeceu muito pela conversa, dizendo em sorriso tênue:

Hoje aconteceu um milagre. É muito raro eu me deparar na presença de alguém por tanto tempo. Eu agradeço à senhora. A convivência é um prêmio. A amizade é um privilégio.

O senhor Peixoto trabalhava constantemente com seus gravetos, pensando, refletindo e, como ele próprio dizia, *com o trabalho, eu tenho boas ideias e vou melhorando a cada dia*. Assim como o sr. Peixoto pôde inventar uma maneira de não sucumbir neste *sertão*, também uma senhora, chamada dona Vanda, aos 74 anos, preenchia sua vida com bonecos feitos por suas mãos. Em cada boneco, um personagem e histórias vividas no mundo, fora e dentro da instituição. Dona Vanda⁷ me mostrava os bonecos e falava da vida que se mistura em diversos tempos e espaços. Surge a lembrança da escola formal e dona Vanda destaca dois aprendizados ali construídos:



Primeiro, a escola me ensinou que a rebeldia que eu tive era adiantamento. Eu tava crescendo.

Segundo, a escola me ensinou que a pessoa falando demais não sabia de nada. Era melhor ficar calada e ficar na posição de ninguém.

Na rebeldia, dona Vanda me apontava um apelo para o exercício da autonomia. É esta mesma senhora quem sinalizava que, sem pensamento crítico reflexivo, a fala se torna excessiva. Célia Linhares⁸, lembrando Heidegger, me disse: *é como uma ação mecânica, como um ativismo reprodutor, uma*

⁷ Dona Vanda Freire, nasceu em 14 de março de 1930.

⁸ Observação feita em aula, 1º Freire, nasceu em 14 de março de 1930.

⁸ Observação feita em semestre de 2005/UFF.

tagarelice. Dona Vanda e o sr. Peixoto buscavam maneiras de permanecer na posição de pessoas que se reinventam a cada instante através de ações que permitam vida, diante de tanta negação. Estes senhores me levaram a pensar na escola que emudece, que desfalece e nas brechas que clamam por movimentos instituintes.

Assim como o sr. Peixoto e a sra. Vanda potencializavam diversas possibilidades de diálogo, com a realidade e consigo mesmos, em construção transformadora, penso neste como um movimento latente criador, que precisa ser alimentado, instigado e valorizado para que possa germinar, não apenas em crianças ou professores, mas nos mais plurais seres humanos. Movimento que pede processos sociais, pedagógicos e políticos de com-partilhar.

Enquanto me apresentava seu eu *equipamento*, o sr. Peixoto me falava da época em que a instituição recolhia todos os pertences dos senhores e das senhoras que conviviam naquele espaço. Lembrou-se de cada situação em que teve seus sacos recolhidos para nunca mais vê-los.

Quando conversávamos e, sem perceber, nos distanciávamos um pouco do *equipamento e do suporte*, o sr. Peixoto não demorava em lembrar e aproximar-se deles, como guardião de suas histórias e referências. Para onde ia, levava consigo seu *equipamento* – fosse ao banheiro, refeitório ou entre as árvores, folhas e galhos. Logo deixou de tê-los visto que, numa manhã, foi surpreendido, ao despertar, pela falta dos seus acervos estimados.

Em 2006, ele se lembrou da foto que eu lhe dera registrando *equipamento e suporte*. Prometi fazer outra cópia fotográfica e junto à foto dar-lhe uma cópia da página do Livro *Gênesis*, na tentativa de resgatar um pouco dessa história. Tocada pela importância atribuída pelo sr. Peixoto quanto a possibilidade de receber a fotografia e a cópia da página que haviam sido *perdidas*, pensei nas tantas questões – que nem sei quais – que são trazidas com o retorno simbólico dos acervos confiscados.

Em contato com sr. Peixoto, lembrei-me de um livro chamado *Guilherme Augusto Araújo Fernandes (FOX, 1995)*. Conta a história de um garoto, Guilherme Augusto Araújo Fernandes e de uma senhora de 95 anos, dona Antonia, que morava

em um asilo quando perdera a memória. O garotinho, vizinho e amigo da senhora, por meio de objetos a ajuda a reavivar sua memória. Contudo, para saber o significado dessa nova palavra – memória – o garoto pergunta e escuta seus pais e cada morador do asilo.

A partir dos depoimentos coletados, o garoto vai buscando maneiras de presentear Dona Antônia com suas próprias memórias – aquelas mais valiosas em significados e sentidos. Dona Antônia recebe um a um os presentes do amigo e vai ressignificando cada objeto em interação de afetividades atemporais, tecendo um diálogo entre suas próprias memórias e as memórias do amigo. E assim, *a memória perdida de Dona Antônia é encontrada, por um menino que nem era tão velho assim.*

De imediato pensei na necessidade que o sr. Peixoto tinha de registrar as datas de cada acontecimento que se fazia significativo para ele. Em uma de nossas conversas – ainda em 2004 – comentou que ainda não tinha o calendário do ano, o que dificultava seus *registros mentais*. Naquele instante, retirei da bolsa um calendário e lhe entreguei. O sr. Peixoto, muito grato, falou da importância de marcar as datas para não perdê-las.

Voltei-me, então, para a sr^a Vanda, com seus bonecos guardados em uma bolsa de pano. Junto a eles, linhas coloridas, retalhos e agulha. Costuras que mantém vivos o pensar-refletir-existir desta senhora e do sr. Peixoto, que levava consigo seus alinhavos em folhas, gravetos, datas, livros, lembranças... para não se perderem de suas referências e atos de criar.

Como enfatiza Benjamin, o sr. Peixoto e a sr^a Vanda bem conheciam *a força germinativa das sementes* (BENJAMIN, 1994). Eles próprios mantinham latente e em movimento, através de fazeres significativos, sua própria existência na busca da superação de si mesmos e dos contextos que os cercavam. Nesse processo, encontrei-me com o sr. Peixoto, o sr. Antônio, a sr^a. Vanda e, tantas outras pessoas com quem conversava e que se abriam em falas preciosas, oportunizando que narrativas pudessem ser intercambiadas em construções que favorecem a aproximação entre pessoas, instituições e vida.

Algumas considerações

Nestas interlocuções entre sujeitos, espaços e experiências plurais, fui tocada pela importância da busca de convívios humanos, afetivos, críticos, criadores e libertadores que potencializam as trocas de saberes no entrelaçamento da teoria e da prática como experiências indissociáveis, potentes por permitirem a ampliação de conceitos, ideias, óticas, ações, políticas. Nestes encontros, trocamos, tecemos, refletimos e destas interações foram surgindo escritas construídas entre diversas vozes.

O registro das interações entre mim – pesquisadora – e os interlocutores com os quais trocava experiências, tornaram-se subsídios para a construção de textos carregados de múltiplas vozes. Assim, esta produção foi lida por cada interlocutor co-autor e, quando este não dominava o código letrado, escutava o texto lido por mim em voz alta. Após os interlocutores lerem ou escutarem tais textos, eles corrigiam detalhes correspondentes aos seus depoimentos e quando autorizavam, levava os textos para a Universidade, como possibilidade de outras interlocuções, agora junto aos colegas e professores, em diferentes encontros e atividades acadêmicas.

Trabalho conjunto, de várias autorias. Esses senhores e senhoras com os quais dialoguei na Fundação Leão XIII, não foram queimados em fogueiras – conforme acontecia no século XVI na Itália, por exemplo, como bem assinala Ginzburg – como forma oficial e lícita de silenciar a transgressão que ultrapassa o pensamento único. Contudo, outras chamas ardiem em seus peitos queimados pelo abandono, pela desvalorização e pelo esvaziamento de suas referências e saberes. Formas oficiosas de fogueira, em pleno século XXI.

Meu objetivo não se restringia a trazer suas vozes a diversos espaços, mas fortalecê-las para que se pronunciassem sem intermediários e se percebessem como vozes autoras de ideias, conceitos, valores e saberes. Na escuta daqueles que não couberam e não cabem na escola formal, fomos e vamos buscando caminhos para ajudar na construção de escolas mais largas e, portanto, democráticas e dialógicas.

Referências Bibliográficas

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Série Pesquisa em Educação. Brasília: Plano, v. 3, 2002.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, v. 1, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 4. ed. São Paulo: Cia. da Letras, 1994.

FOX, Mem. **Guilherme Augusto Araújo Fernandes**. São Paulo: Brinque-Book, 1995.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Walter Benjamin. Tudo é história**, 147. São Paulo: Brasiliense, 1993.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

REIS, Isabel Noemi Campos. **Pontes a ser-viço das margens**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2006. Dissertação. Mestrado em Educação. Orientação: Célia Frazão Linhares, 320 p.